



EDUCAmazônia, Humaitá - Amazonas, Volume XIX, nº 1, jan-jul. 2026, p. 547-569.

**SEXUALIDADE E ENVELHECIMENTO: UM ESTUDO QUALITATIVO COM
HOMENS DE MEIA IDADE QUE FAZEM SEXO COM HOMENS NO
INTERIOR DO AMAZONAS**

**SEXUALITY AND AGING: A QUALITATIVE STUDY WITH MIDDLE-AGED
MEN WHO HAVE SEX WITH MEN IN THE INTERIOR OF AMAZONAS**

Carlos Emanuel Melquíades de Araújo¹
Daniel Cerdeira de Souza²

Resumo: Objetivamos compreender os significados da sexualidade para homens que fazem sexo com homens (HSH) de meia idade no interior do Amazonas. Cinco HSH foram submetidos a uma entrevista semiestruturada. Os dados foram analisados via Análise Temática, possibilitando a construção de três temas: 1) Masculinidade e homonormatividade; 2) Homossexualidade e trabalho; 3) Mudanças na sexualidade. A homonormatividade interseccionada com a homofobia foram observadas, pois os participantes desvalorizavam a diversidade sexual e valorizavam aspectos da masculinidade heterossexual. No trabalho, a homonormatividade se mostra uma chave para que o HSH se mantenha no emprego. Foi observada a percepção de mudança na sexualidade conforme o avançar da idade, onde o fio condutor passou a ser a afetividade. A aproximação com os valores da masculinidade heterossexual fez com que os participantes não se identifiquem com a comunidade LGBT, culminando em sentimentos de solidão.

Palavras-chave: Masculinidades; Sexualidade; Envelhecimento; Homens que fazem sexo com homens.

¹ Estudante de Graduação da Universidade Federal do Amazonas. Email: emanoelgaut.579@gmail.com

² Docente da Universidade Federal do Amazonas, lotado no Instituto de Natureza e Cultura - INC. Email: dancerdeira01@gmail.com.



Abstract: This study aimed to understand the meanings of sexuality for middle-aged men who have sex with men (MSM) living in the interior of the Amazonas. Five MSM participated in semi-structured interviews. The data were analyzed using Thematic Analysis, which allowed the construction of three themes: 1) Masculinity and homonormativity; 2) Homosexuality and work; 3) Changes in sexuality. Homonormativity intersected with homophobia was observed, as participants devalued sexual diversity and valued aspects of heterosexual masculinity. In the workplace, homonormativity emerged as a key factor for MSM to maintain their jobs. A perceived shift in sexuality with aging was identified, with affectivity becoming the central thread. The alignment with heterosexual masculinity values led participants to not identify with the LGBT community, resulting in feelings of loneliness.

Keywords: Masculinities; Sexuality; Aging; Men who have sex with men.



1 INTRODUÇÃO

Segundo Nolasco (1997), a masculinidade está associada a representação do suposto “homem de verdade”, na qual meninos são socializados sob a crença de que ser homem é uma condição dada pela natureza. Em contraposição, Wilkins (2009) argumenta que não existe um único modelo de masculinidade; ao contrário, há múltiplas masculinidades em constante transformação, mais complexas do que aparentam por dois motivos principais: não são fixas, mas negociadas, e possuem caráter histórico, de modo que seus significados variam conforme a cultura. Assim, compreendemos as masculinidades, à luz dos estudos de gênero, como expressões plurais de ser e estar homem, moldadas por circunstâncias sociais e históricas. Nesse sentido, rejeitamos a noção de “crise da masculinidade”, pois ela pressupõe a existência de um modelo único e estável, que teria se rompido e necessitaria de reconstrução para retornar a uma suposta normalidade (Silva, 2006).

A compreensão de gênero que adotamos segue Butler (2003), que defende que ele não se limita à imposição de signos sociais sobre características biológicas. Ao contrário, o gênero constrói as próprias características que costumam ser interpretadas como “naturais”, de modo que até o sexo dito “biológico” é socialmente estruturado. Essa construção ocorre por meio da performatividade — a repetição de atos, gestos e significados associados à masculinidade e/ou feminilidade, que produz o efeito social de nos fazer ser reconhecidos como homens ou mulheres. Consideramos ainda que as especificidades históricas e conceituais da hegemonia masculina conferem aos homens maior poder em suas negociações sociais (Wilkins, 2009). Com base nesses referenciais, este estudo teve como objetivo compreender os significados da sexualidade para um grupo de homens que fazem sexo com homens (HSH) de meia-idade.

Utilizamos o termo HSH, que é a terminologia usada internacionalmente para definir homens com práticas sexuais (ou mesmo afetivas) não-heterossexuais, mas que podem ter dificuldade de se identificar como homo/bissexuais (Mora; Brigeiro; Monteiro, 2018). Dessa forma, ao propor esse estudo, reconhecemos a sexualidade como um direito inerente ao envelhecimento, fugindo do estereótipo de que este momento da vida representaria uma suposta “perda de potencial”, antes, considerando o processo de envelhecer como um entrelaçamento de significados, concepções, potenciais e protagonismos característicos dessa etapa cronológica da vida.



A sexualidade abrange não apenas o ato sexual, mas também a identidade e a expressão de gênero, a afetividade, a orientação sexual, o planejamento familiar e um conjunto amplo de direitos. Por ser inerente à condição humana, a Organização Mundial da Saúde (2015) a define como um aspecto central presente ao longo de toda a vida. De acordo com o Ministério da Saúde (2016), a sexualidade está presente em todas as etapas da vida — da juventude à velhice — e deve ser abordada de forma específica em cada fase. Trata-se, portanto, de um componente essencial da existência humana, cuja expressão e significado variam conforme os contextos sociais, culturais e históricos (Vieira, Coutinho, Saraiva, 2016).

Para Hogan (1985), a sexualidade é uma experiência que envolve tanto dimensões mentais quanto corporais — e não se restringe ao aspecto genital. Sua construção integra fatores físicos, valores individuais, experiências vividas, comportamentos, crenças, emoções e traços de personalidade. A análise histórica da sexualidade na cultura ocidental revela que sua regulamentação sempre esteve sob a influência do Estado, das elites dominantes e das instituições religiosas. No entanto, como destacam Salles e Ceccarelli (2010), os discursos que a definem e normatizam foram, historicamente, produzidos e controlados por homens. Para Giddens (1993), a sexualidade masculina tende a manifestar maior inquietação do que a feminina, uma vez que os homens frequentemente dissociam sua atividade sexual das demais dimensões da vida. Ceccarelli (2013) acrescenta que a organização social historicamente assegurou privilégios sexuais aos homens, ao mesmo tempo em que regulou e, por vezes, suprimiu a sexualidade feminina.

De acordo com Civinski (2013), o envelhecimento é um fenômeno global que tem resultado no aumento da população idosa, refletindo o avanço da longevidade. Para Fraiman (1991), envelhecer não constitui apenas um “momento” específico na vida de um indivíduo, mas um “processo” complexo, com implicações significativas tanto para a pessoa que o vivencia quanto para a sociedade que o acompanha, sustenta ou fomenta.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018), a população brasileira segue em uma tendência de envelhecimento, acompanhando a tendência mundial. De acordo com Papalia e Feldman (2013) essa característica se dá principalmente pelo aumento da qualidade de vida da população, aliado à melhoria no acesso à saúde e a menor taxa de fecundidade. Os autores ainda explicam que o envelhecimento consiste no avançar da idade cronológica acompanhado de mudanças



sociais, físicas, emocionais, subjetivas e sexuais, onde os principais estereótipos do envelhecimento envolvem crenças de que pessoas idosas são afetuosas e carinhosas ao mesmo tempo em que são incompetentes e de baixo status. Assim, neste estudo, consideramos uma pessoa de meia idade aquela que possui idade a partir de 50 anos (Ferreira, 2008), sendo um período de transição para a velhice, já que de acordo com o Estatuto da Pessoa Idosa (Lei nº 10.741 de 1º de outubro de 2003), é considerada idosa a pessoa com idade igual ou superior a 60 anos.

O processo de envelhecer, que inclui a meia idade, é imerso em uma teia de significados que se transformam conforme as mudanças sociais e históricas. Gênero, classe social, saúde, educação, personalidade, histórico de vida e contexto socioeconômico acarretam diferenças nesse processo (Crema; Tilio, 2021). O envelhecimento da população torna-se um problema quando a sociedade não está preparada para o seu próprio envelhecimento, apresentando atitudes negativas face a esta fase da vida. Dessa forma, importa estudar os processos biopsicossociais neste momento do desenvolvimento, incluindo a sexualidade, pelo fato de este tema ser o menos abordado na investigação científica (Pereira, 2012).

No que diz respeito à sexualidade nesse período, supera-se o estereótipo de declínio e perda comumente associados a esta etapa da vida, pois de acordo com Vieira, Coutinho e Saraiva (2016), a vivência afirmativa da sexualidade é essencial em todos os ciclos cronológicos, estando intimamente ligada a qualidade de vida, de modo a ser representada pelo carinho, a intimidade, a cumplicidade, o cuidado e o ato sexual, mas a maior parte dos estudos relacionados ao processo de envelhecimento estão voltados para uma relação entre saúde e envelhecimento, envolvendo a prática regular de exercícios físicos, a capacidade funcional e qualidade de vida, o que nos impele a propor um estudo que investigue a sexualidade de homens de meia idade que vivem práticas sexuais dissidentes da heterossexualidade.

Crema e Tilio (2021) explicam que a sexualidade na meia idade e velhice é atravessada pelas concepções de gênero que estipulam uma moral de que a sexualidade masculina é entendida como necessária e deve ser praticada com frequência. Mas no que diz respeito a sexualidade de HSH, de acordo com Paiva (2012), HSH de meia idade e idosos são invisibilizados de diversas formas na sociedade brasileira, inclusive pelos movimentos de LGBTQIA+, o que causa a impressão de “não existência” desse público,



o que culmina em sentimentos de solidão e abandono. Mas esse processo contrasta com o que Simões (2011) explica. O autor discute que mesmo que mesmo diante do quadro de exclusão social, muitos HSH conseguem construir uma velhice ativa e positivada, onde o declínio sexual é cada vez menos tolerado.

Ao analisar a história das sexualidades não heterossexuais, observa-se que essa temática está inserida no contexto do estresse de minorias. Conforme Meyer (2003), indivíduos pertencentes a minorias sexuais enfrentam níveis mais elevados de estresse, além de estressores específicos decorrentes de sua condição minoritária. Esses estressores se manifestam em três dimensões principais: (a) a vivência direta de rejeição ou violência motivada pela orientação sexual; (b) a construção da identidade em meio aos preconceitos sociais dirigidos à diversidade sexual; e (c) a antecipação do preconceito, que frequentemente leva à necessidade de ocultar a orientação sexual.

A sexualidade dos HSH é profundamente marcada pelos estigmas associados à epidemia de HIV/Aids, que potencializou preconceitos contra essa população, transformando a homossexualidade masculina em sinônimo da presença do vírus, historicizada pela expressão pejorativa “peste gay” (Terto, 2002). Para lidar com o conflito entre o desejo sexual e as pressões sociais, muitos HSH costumam exercer sua sexualidade de forma velada, uma realidade para a qual o termo “estar no armário” é frequentemente empregado. Segundo Sedgwick (2007), o armário funciona como um regime de controle da sexualidade que, desde o final do século XIX no ocidente, sustenta e regula a divisão binária entre heterossexualidade e homossexualidade. Esse regime se caracteriza por um conjunto de normas, nem sempre explícitas, que institucionalizam a heterossexualidade como padrão no espaço público, relegando as relações homossexuais ao âmbito privado e ao sigilo.

O exercício da sexualidade “no sigilo” entre HSH apresenta desdobramentos diversos, especialmente no âmbito afetivo-sexual. Sob a influência das normas sociais heteronormativas, muitos HSH enfrentam dificuldades para desenvolver vínculos afetivos estáveis, frequentemente restringindo sua experiência sexual ao ato em segredo, sem o espaço para expressar emoções ou construir relações mais próximas (De Souza, 2024). Essa limitação decorre do estigma e da invisibilidade impostos a uma sexualidade não normativa, que condicionam a vivência afetiva e sexual dessas pessoas a um contexto de ocultação.



Assim, considerando que a sexualidade de HSH envolve experiências específicas relacionadas a vivência de uma sexualidade não normativa, uma pesquisa como essa se torna relevante. Portanto, a pergunta que norteou este estudo é: quais os significados da sexualidade para um grupo de HSH de meia-idade no interior do Amazonas?

2 MATERIAL E MÉTODOS

Este estudo origina-se de uma pesquisa de iniciação científica fomentada pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM), vinculada ao código PIB-H/0054/2024. As atividades foram desenvolvidas no campus do Instituto de Natureza e Cultura, situado no município de Benjamin Constant, interior do estado do Amazonas. A condução da pesquisa respeitou os critérios éticos estabelecidos pelas Resoluções nº 466/12 e nº 510/16 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), que regulamentam pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil. O projeto obteve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da UFAM, conforme o parecer nº 7.172.986 (CAAE: 81857724.8.0000.5020). O financiamento foi provido pela própria UFAM, por meio da concessão de uma bolsa de iniciação científica ao primeiro autor.

Adotou-se uma abordagem qualitativa, que valoriza os saberes subjetivos construídos na inter-relação entre pesquisador e participante (Creswell, 2010). Este método parte do pressuposto de que a realidade social é uma construção contínua, moldada pela atribuição de significados por parte dos indivíduos (Gunther, 2006). O campo da pesquisa compreendeu as cidades de Benjamin Constant, localizadas na região do Alto Solimões, no interior do Amazonas. A escolha desses municípios foi estratégica, considerando não apenas a proximidade geográfica — separadas por aproximadamente 20 km — mas também os desafios impostos pelo estigma associado a HSH na região, o que dificultou o recrutamento de participantes.

A amostra foi composta por nove HSH, sendo a coleta de dados encerrada com base no critério de amostragem por conveniência. Segundo Amatuzzi et al. (2006), essa técnica consiste na seleção deliberada de participantes conforme sua disponibilidade e acessibilidade. Os critérios de inclusão definidos foram: ser HSH, com idade igual ou superior a 50 anos e residente nos municípios de Benjamin Constant. Foram excluídos da pesquisa indivíduos que, no momento da coleta de dados, estivessem sob efeito de substâncias psicoativas ou que apresentassem transtornos mentais ou condições



neurológicas que pudessem comprometer a comunicação. É imperativo destacar, contudo, que a profundidade das entrevistas foi limitada, pois alguns participantes optaram por não responder a certas perguntas do roteiro. A fim de evitar qualquer constrangimento e garantir a qualidade da análise, embora nove indivíduos tenham sido entrevistados, este estudo se concentrará nas narrativas de apenas cinco deles.

A seleção dos participantes foi realizada por meio da técnica de amostragem "bola de neve". Este método consiste em solicitar aos indivíduos inicialmente selecionados que indiquem novos participantes de suas redes de contato. Conforme aponta Vinuto (2014), a técnica da bola de neve é particularmente eficaz para acessar populações estigmatizadas ou de difícil alcance, sobre as quais não existem dados quantitativos precisos. A escolha por essa abordagem justifica-se, portanto, pelos estigmas sociais que permeiam a identidade de HSH no contexto investigado. Antes de iniciar a coleta de dados, todos os participantes foram apresentados ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A assinatura do documento formalizou a ciência e a concordância dos indivíduos com os objetivos e procedimentos da pesquisa, assegurando sua participação voluntária e informada.

Para a produção dos dados, optou-se pela entrevista semiestruturada. Este tipo de entrevista se baseia em um roteiro de tópicos flexíveis, que funcionam como disparadores para o diálogo, permitindo que a conversa flua de maneira orgânica e aprofundada entre pesquisador e participante (Creswell, 2010). As entrevistas foram registradas em áudio, mediante autorização prévia, para posterior transcrição e análise. A fim de garantir o direito ao sigilo e à confidencialidade, a identidade de cada participante foi protegida pela atribuição de um pseudônimo. No quadro 1, explicitamos uma breve caracterização dos participantes desta pesquisa:

Quadro 1⁴: breve caracterização dos participantes da pesquisa

PSEUDÔNIMO	RAÇA	ORIENTAÇÃO SEXUAL	IDADE	ESTADO CIVIL	OCUPAÇÃO
ROBERTO	Pardo	Homossexual (com identidade sexual divulgada)	56 anos	Solteiro	Assistente Social
THIAGO	Preto	Homossexual (com identidade sexual não divulgada)	50 anos	Solteiro	Aposentado
VITOR	Pardo	Homossexual	51 anos	Solteiro	Não declarou

⁴ Nenhum participante declarou ter alguma deficiência.



MARCOS	Branco	(com identidade sexual divulgada) Homossexual (com identidade sexual divulgada para ‘pessoas próximas’)	55 anos	Solteiro	Não declarou
CRIS	Preto	Homossexual (com identidade sexual divulgada)	52 anos	Solteiro	Não declarou

Fonte: dados da pesquisa, 2024.

A análise dos dados fundamentou-se na Análise Temática (AT), conforme delineada por Braun e Clarke (2006), método possibilita a identificação, interpretação e comunicação de padrões — ou “temas” —, permitindo não apenas uma sistematização coerente, mas também uma compreensão aprofundada das nuances e significados subjacentes às falas. Para garantir consistência e transparência no processo analítico, seguimos as seis fases propostas por Souza (2019), que oferecem um roteiro metodológico preciso para a aplicação da AT:

1. Familiarização com os dados — transcrição integral das entrevistas gravadas, seguida de leituras repetidas e atentas do material.
2. Geração de códigos iniciais — Os dados foram então sistematicamente codificados, com a identificação e marcação de trechos significativos, a fim de criar rótulos que capturassem a essência das informações e estruturassem o material para análise posterior.
3. Busca por temas — Os códigos gerados foram agrupados de acordo com afinidades conceituais, originando potenciais temas capazes de representar padrões recorrentes nos dados.
4. Revisão dos temas — Os temas preliminares foram refinados, avaliando-se sua pertinência frente aos objetivos do estudo e a sua representatividade em relação ao conjunto total dos dados, assegurando a robustez interpretativa.
5. Definição e nomeação dos temas — Cada tema foi delineado de forma clara e precisa, recebendo uma denominação concisa e uma descrição detalhada de seu significado e escopo no contexto da pesquisa.
6. Produção do relatório — A etapa final consistiu na elaboração de uma narrativa analítica que articulou os temas identificados com a literatura científica pertinente, enriquecida por trechos ilustrativos extraídos das falas dos participantes.



Esse percurso metodológico possibilitou a construção de uma interpretação consistente e fundamentada dos dados, cujos resultados são apresentados na seção subsequente.

3 RESULTADOS

Masculinidade e homonormatividade

O primeiro tema organizado neste estudo revela como os participantes desenvolveram estratégias específicas para gerenciar seus desejos e práticas sexuais. Tais estratégias dialogam com o conceito de homonormatividade. Conforme definido por Oliveira (2013), a homonormatividade descreve um conjunto de normas e performances de gênero que alinham a vivência homossexual aos valores, comportamentos e instituições prezados pela heterossexualidade hegemônica. Em outras palavras, trata-se de um processo de assimilação que busca tornar a homossexualidade "aceitável" aos olhos da sociedade heteronormativa, ao mesmo tempo em que marginaliza expressões de gênero e sexualidade que não se enquadram nesse modelo. Roberto nos dá pistas sobre esse processo:

Eu não gosto da homossexualidade quando ela vem caracterizada em coisas assim, muito chamativas..., é muito chamativa no contexto de não se dar valor. Não é porque eu acho assim, para você ser um homossexual, você não precisa vestir assim. Você não precisa colocar peruca, você não precisa pintar os lábios. Você não precisa se rasgar nem dizer que tu é. Porque assim, acho que até que o sexo acontece em quatro paredes. E lá você faz o que você sente, o que você gosta, uma coisa mais digna. Sem se expor (Roberto, 2024).

A fala de Roberto aponta para a homonormatividade na medida em que as características que o mesmo relata não gostar são todas relacionadas ao rompimento com a performatividade de gênero da masculinidade tradicional normativa, ao mesmo tempo em que o participante reduz a sexualidade ao ato sexual em si. A fala aponta ainda que o que supostamente daria “valor” a homossexualidade masculina seria a performatividade de gênero, ou seja, quanto mais masculino o sujeito for, mais valor esse sujeito terá (supostamente).

Wilkins (2009) explica que os significados associados as masculinidades tem base na performatividade de gênero voltada ao homem viril (ainda que variem conforme a cultura) e que existem dimensões generificadas que são indesejáveis ou restritivas as



masculinidades, pois não são compatíveis com o projeto de dominação social hegemônica dos homens, portanto, qualquer comportamento que destoe de um projeto de masculinidade tradicional baseada na força e virilidade, desperta nos homens um sentimento de contrariedade, ainda que este homem não faça parte do projeto de masculinidade heterossexual, como no caso de Roberto.

Antunes (2017) explica ainda que os aspectos sociais da masculinidade tradicional são introjetados pelos sujeitos, o que criam padrões institucionalizados, naturalizados e por sua vez, tidos como ‘certos’, portanto, mesmo HSH não fazendo parte dos padrões de masculinidades heterossexuais por terem práticas sexuais que destoam da norma social hétero, podem valorizar tal performatividade de gênero masculina, levando-os a homonormatividade para serem minimamente aceitos socialmente. A fala de Vitor continua nos dar pistas sobre esse processo:

A homossexualidade masculina às vezes ela é muito forçada. Eu vejo assim, de muitas pessoas que ela é muito forçada. Porque se você não é um homossexual não-masculino, você se torna alvo de críticas, você se torna alvo de chacota. Porque os homossexuais não-masculinos são taxados como os escandalosos (Vitor).

Neste caso, a homonormatividade se torna então uma estratégia para autoproteção contra o preconceito e discriminação ao fazer com que o HSH se aproxime dos valores e estereótipos da masculinidade heterossexual. Lima, Santiago e Arrais (2014) explicam que no aspecto social, lidar com a homossexualidade na velhice é bastante conflitante, sobretudo quando ela é evidente e exteriorizada pela performatividade de gênero. Assim, torna-se difícil para muitos HSH de meia idade lidar com sua orientação sexual, visto que os mesmos já precisam lidar com diversas outras demandas típicas do processo de envelhecimento (Brito; Correia; Santos, 2019).

Roberto continua a nos dar pistas sobre esse processo:

Não tive dificuldade nenhuma porque eu tive um comportamento X (referindo-se a ter tido comportamentos classificados como ‘masculinos’). Esse comportamento me abriu portas, né? Esse comportamento me fez ser uma pessoa séria, esse comportamento me fez, dentro da minha família, o que eu sou, um tipo de luz, um tipo de suporte, onde eu oriento, aonde eu ajudo (Roberto, 2024).

Mateus complementa:



[sendo gay] “você vive sendo atacado. Cercado de julgamentos e olhares. E isso entra em estado de depressão, e acaba tentando se moldar naquilo que a sociedade quer de você” (2024).

Ambas as falas apontam para a tentativa de se adequar a aspectos da masculinidade tradicional, sendo um componente importante para a subjetivação dos HSH desta pesquisa. Connell e Messerschmidt (2013) definem a masculinidade hegemônica como um padrão de práticas sociais que legitima e sustenta a dominação masculina sobre as mulheres e outras identidades de gênero, bem como sobre outras formas de masculinidade. Este modelo funciona como uma norma cultural, prescrevendo a forma "mais honrada" e socialmente valorizada de ser homem. Contudo, os próprios autores ressaltam que a masculinidade hegemônica é um ideal instável e raramente alcançado. Apenas uma minoria dos homens consegue, de fato, encarnar plenamente esse padrão, e geralmente por um período limitado. Isso ocorre porque os ideais de masculinidade não são estáticos; eles estão em constante negociação e transformação, refletindo as mudanças nas dinâmicas sociais e de poder.

A masculinidade tradicional, historicamente naturalizada pela sociedade, fundamenta-se em modelos de virilidade que pressupõem a exaltação da força física, da potência sexual e do exercício de controle do homem sobre a mulher. Conforme aponta Machado (2016), essa estrutura de poder se manifesta e é reforçada por meio de episódios de violência — tanto simbólica quanto física — que operam para garantir e perpetuar o domínio masculino no tecido social. Cabe ainda destacar que de acordo com Brito, Correia e Santos (2019), o envelhecer pode significar perda de potência sexual e quando o sujeito é dissidente da heterossexualidade, o mesmo ainda precisa lidar com os estereótipos da própria homossexualidade, fazendo assim que muitos HSH de meia idade recorram a homonormatividade, como apontado por Marcos:

“Por mais que eu faça parte desse grupo de homossexuais, eu não concordo com isso (que homossexuais ‘não se dão respeito na forma de vestir e de se portar’) [...]. Tipo, eu permaneço como eu sou, como eu nasci. Num estilo mais masculino, posso dizer assim” (2024).

O que seria ‘não se dar o respeito’ se não um aspecto de performatividade de gênero? Na fala de Marcos observamos aspectos de desvalorização da diversidade de gênero e a valorização da masculinidade hegemônica tradicional e mais do que isso,



observamos também uma naturalização do gênero, como se este fosse o que é por si só e não uma construção social feita e refeita o tempo todo (Butler, 2003).

Eccel, Saraiva e Carrieri (2015) argumentam que a condição masculina está tão profundamente arraigada no pensamento ocidental que, historicamente, foi elevada a sinônimo de "humanidade", assumindo um caráter pretensamente universal. No entanto, é crucial reconhecer as contradições inerentes a essa visão. Superando essa noção, compreendemos que as masculinidades são, na verdade, construções sociais. Elas são sustentadas coletivamente por grupos, instituições e por significados históricos mais amplos. Essa mesma estrutura social que produz e sustenta as masculinidades é capaz de gerar, simultaneamente, diferentes modelos de ser homem, ao mesmo tempo em que organiza as relações hierárquicas entre eles (estabelecendo, por exemplo, a hegemonia de um modelo sobre os outros). Por serem construções, as masculinidades não são estáticas; pelo contrário, são passíveis de constantes mudanças, contestações e reconstruções.

Riscaroli (2016) aprofunda essa discussão ao explicar que a sociedade, estruturada sobre o pilar da heterossexualidade viril, impõe aos homens um roteiro de comportamento preestabelecido. Essa imposição cria e perpetua tabus, estereótipos e modos de vida que, invariavelmente, aprisionam os indivíduos em diversos processos de normatização. Um desses processos cruciais é a reiteração dos estereótipos de gênero. No caso de HSH, esses estereótipos atuam em conjunto com os mecanismos de discriminação contra a população LGBTQIA+, gerando uma pressão para que eles se conformem a valores heteronormativos. Paradoxalmente, os HSH são compelidos a aderir a esses valores mesmo que, por sua própria orientação sexual, não se encaixem no projeto social compulsório da heterossexualidade.

Por fim, o discutido neste tema aponta para o aspecto 'b' do estresse social discutido por Meyer (2003), onde observamos que a construção da própria identidade dos HSH deste estudo esteve permeada por atitudes negativas da sociedade em relação à diversidade sexual.

Homossexualidade o trabalho

Esse tema aponta para nuances voltadas à administração da identidade sexual e as relações com o trabalho. Observemos a fala de Thiago:



Aqui a gente vive meio que escondido, sabe? Ninguém fala abertamente sobre isso (sobre a homossexualidade), e se alguém descobre, já era. As fofocas começam a correr, e isso pode destruir a vida de alguém ainda mais se for um funcionário público. Eu sempre fui cauteloso, porque não quero que minha vida vire um espetáculo. Então, os encontros têm que ser em lugares bem discretos. E mesmo que a comunidade LGBT seja grande aqui, ainda é tudo muito restrito (Thiago, 2024).

Conforme aponta Baptista (2018), um número expressivo de HSH adota a identidade de "discreto". Essa postura não é neutra; os padrões comportamentais associados à descrição frequentemente legitimam e reforçam as políticas da heterossexualidade compulsória, servindo como um alicerce para a sustentação da masculinidade hegemônica. Além disso, a performance da descrição pode ser compreendida como um mecanismo homonormativo crucial, especialmente no âmbito profissional. Ao mimetizar os códigos de conduta heteronormativos, o "HSH discreto" busca navegar em ambientes de trabalho, evitando o estigma e a discriminação, o que evidencia como a homonormatividade opera como uma estratégia de sobrevivência e ascensão social.

De acordo com Policarpo (2019), para pessoas não heterossexuais, o gerenciamento da identidade sexual é um fator estratégico para a permanência no mercado de trabalho, ou seja, ser 'discreto' é essencial para lidar com as demandas laborais, isso por que de acordo com Souza, Honorato e Beiras (2021), o mercado de trabalho quase sempre é hostil a homossexuais, e é justamente nesse espaço que a discriminação ganha força, por conta de uma série de mecanismos de eliminação atuantes no mercado laboral, que interseccionados com a homofobia, fazem com que o processo de seleção dos trabalhadores passe pelo crivo do gênero e da sexualidade, e quando uma pessoa é percebida como homossexual, ela já corre o risco de ser segregada e eliminada, e quando contratadas, as mesmas são mantidas em posições de vulnerabilidade nas instituições, de forma a precisarem esconder sua identidade sexual para se manter no emprego, pois ser percebido como homossexual no trabalho pode comprometer sua ascensão profissional.

Essa questão aponta para o aspecto 'c' do estresse social minoritário descrito por Meyer (2003), sendo a antecipação do preconceito associada à ocultação da orientação sexual no trabalho. Roberto nos traz outros aspectos dessa questão:



O preconceito de hoje eu acho, eu acho que está até que menor em comparação com o município da minha juventude. Porque assim você vê as pessoas na rua andando do jeito como quer, mas a sociedade ainda nega trabalho [...]. Para o mercado de trabalho eu vejo preconceito” (2024).

Roberto aponta que, mesmo com uma suposta redução do preconceito, ainda existem barreiras para o acesso e permanência de homossexuais no mercado de trabalho, principalmente para aqueles que não performatizam a masculinidade viril tradicional. De acordo com Carrieri *et al.* (2014) existem barreiras invisíveis que impedem o desenvolvimento profissional de homossexuais, seja na contratação, seja no acesso às promoções dentro da instituição. Essas barreiras têm como principal crivo os estereótipos preconceituosos contra a diversidade sexual e de gênero. Vitor e Cris nos trazem outros aspectos dessa questão:

Ainda tem muito preconceito. A gente não tem um espaço de fala, a gente não tem o espaço de trabalho. A gente ainda é muito objetificado, como se homossexuais só servem para brincadeiras, para alisar cabelos, só servem para dançar boi. Então, não nos levam a sério, não levam a sério o nosso profissionalismo e as formações que nós temos. Então ainda é muito taxado o homossexual aqui como aquele que só brinca, aquele que só dança, aquele que só quer saber de estar fazendo maquiagem (Vitor, 2024).

Nós, aqui em Benjamin Constant, somos um município muito pequeno. Então, a cidade é muito fechada pra essas questões. Ela não fornece muitas opções, tipo, se você observar muito bem, hoje a maioria dos LGBT's são cabeleireiros. Vivem de corte de cabelo. É o máximo. Tipo, são poucos LGBT's que você vê, empregados, que você vê trabalhando num trabalho formalmente mesmo (Cris, 2024).

As falas reforçam a ideia de barreiras invisíveis no desenvolvimento profissional de muitos homossexuais, mas ainda nos dá pistas de que talvez existam certas profissões estereotipadas para homossexuais. Neto e Fonseca (2014) argumentam que as oportunidades para indivíduos não heterossexuais no mercado de trabalho convencional são frequentemente restritas. Em contrapartida, o imaginário social designa certas profissões, muitas vezes socialmente desvalorizadas, como sendo "adequadas" para homens homossexuais, especialmente para aqueles cujas performances de gênero não se alinham aos padrões hegemônicos de masculinidade. Essas profissões — como cabeleireiro, maquiador, esteticista e estilista — estão tipicamente associadas ao universo considerado feminino. Essa segregação ocupacional, segundo os autores, origina-se diretamente dos estereótipos de gênero que constroem uma falsa equivalência entre a



homossexualidade masculina e o desejo de "ser mulher", canalizando esses indivíduos para nichos profissionais que reforçam essa mesma visão estereotipada.

Mudanças na sexualidade

Esse tema sugere alguns aspectos específicos de ser HSH na meia idade e a vivência da sexualidade nessa etapa cronológica da vida:

Hoje eu não tenho vida afetiva, né? Sexual? Sexual não tenho. Tem alguns parceiros sim, mas vida afetiva eu não tenho [...]. As pessoas hoje que eu percebo, elas ficam contigo pelo interesse. E pelo que tu tens e não por afetivo. Vem mais pelo interesse financeiro mesmo. E aí eu tenho esse cuidado, me polício muito porque se não, a gente entra em uma decadência de onde a gente vai fazer um sexo, tem que ter dinheiro... para fazer sexo todas as vezes (Roberto, 2024).

O apontado por Roberto nos sugere a intersecção entre questões de classe sexual e a sexualidade. Conforme ressalta Kimmel (1998), as masculinidades são fundamentalmente constituídas por relações de poder. Essas relações se desdobram em dois eixos principais: o poder dos homens sobre as mulheres (configurando as desigualdades de gênero) e o poder de certos grupos de homens sobre outros. Este segundo eixo é atravessado por marcadores sociais como raça, classe, etnia, idade e a presença ou ausência de deficiências. A narrativa de Roberto ilustra vividamente essa dinâmica de poder entre homens. Em sua fala, observa-se uma complexa negociação de masculinidade. Por um lado, a idade avançada o posiciona em um lugar de suposta perda de potência sexual, um capital central na masculinidade hegemônica. Por outro lado, seu emprego estável lhe confere poderio financeiro, um outro pilar de status masculino. Nesse contexto, a vivência da sexualidade se reconfigura, assumindo a forma de uma relação de troca, onde o capital financeiro compensa a suposta diminuição do capital erótico.

Essa situação é agravada pelo que Silva et al. (2016) descrevem como a intensificação do tabu e da discriminação quando a homossexualidade se cruza com o envelhecimento. O julgamento social frequentemente decreta que pessoas mais velhas são inaptas para a vida sexual, seja por não serem mais consideradas atraentes ou por supostas limitações fisiológicas. Diante dessa "morte social" do desejo, emerge uma pressão para que esses indivíduos compensem a perda de potência sexual por outros meios, como o poder aquisitivo, exatamente como observado no caso de Roberto. Thiago continua nas reflexões:



Ah eu diria que a vida afetivo-sexual muda muito com o tempo, né? Agora, com quase 60 anos, a perspectiva é diferente. Eu aprendi a valorizar o carinho, a conexão emocional, mais do que só o ato em si. O desejo ainda existe, mas já não é aquela coisa desesperada [...]. E o pessoal ainda tem um olhar muito crítico sobre isso. A gente acaba se sentindo isolado, porque muitos não entendem que gente velha ainda pode querer amar e ter prazer (Thiago, 2024).

Embora Papalia e Feldman (2013) afirmem que os relacionamentos são, para a maioria dos adultos na meia-idade, o fator mais importante para o bem-estar, a experiência dos HSH nesta pesquisa revela uma realidade mais complexa. A fala de Thiago, por exemplo, demonstra uma consciência aguda das mudanças sociais e históricas em torno da sexualidade. Contudo, esse reconhecimento vem acompanhado da percepção de que, ao se aproximar dos 60 anos, seu próprio direito à sexualidade é socialmente negado. Este sentimento ecoa as discussões sobre o envelhecimento masculino.

Conforme apontam Santos e Araújo (2021), a partir dos 40 anos, os homens vivenciam modificações biológicas, psicológicas e sexuais inerentes a esse processo. No contexto da homossexualidade masculina, Arrais, Lima e Santiago (2014) argumentam que essa transição é frequentemente marcada por uma sensação de perda, atrelada ao alto valor que a cultura gay muitas vezes atribui à estética e ao vigor da juventude. Apesar de perceber essas mudanças e a pressão social para a dessexualização, a narrativa de Thiago revela uma notável insubordinação. Ele desafia as normas que ditam o fim da vida sexual com o avançar da idade. Sua fala, que apresentaremos a seguir, demonstra uma forma de resistência a essa "morte social" do desejo, afirmando a continuidade de sua vivência sexual para além dos roteiros etários normativos, observemos:

Eu acho que a gente vai mudando as prioridades com a idade. Antigamente, eu buscava mais a parte física, aquela adrenalina. Agora, eu prefiro algo mais íntimo, mais significativo. Quando rola o sexo mesmo, é tudo mais devagar. E, pra conseguir isso, é complicado. Aqui as opções são limitadas, e eu não quero correr o risco de ser visto. Então, isso acaba restringindo um pouco as experiências. Eu não quero me expor, mas, por outro lado, às vezes bate uma solidão (Thiago, 2024).

A desobediência de Thiago pode ser percebida de duas formas: em primeiro momento, volta-se a manter-se ativo do ponto de vista afetivo e sexual, mas também na maneira de se viver a sexualidade, tendo como principal fio condutor a afetividade, destoando da hipersexulização dos corpos de HSH tipicamente reforçada pelos estereótipos de masculinidade. A fala de Thiago ainda aponta para barreiras e limitações



ao exercício da sexualidade sendo um HSH de meia idade. Tais barreiras envolvem o manejo de sua identidade sexual, onde o participante avalia que a exposição de sua orientação sexual seria danosa e esse movimento está intimamente ligado ao estresse de minorias (Meyer, 2003).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo teve como objetivo compreender os significados da sexualidade para um grupo de HSH de meia idade no interior do Amazonas. A análise sugeriu que esses homens vivenciam desafios únicos como resultado da intersecção entre idade, orientação sexual e contexto cultural. A invisibilidade e o estigma social, que envolvem a internalização da homofobia, formam uma experiência mais complexa da sexualidade, na qual muitos ocultam sua identidade sexual ou minimizam aspectos da mesma no sentido de demonstrarem ser homossexuais somente ‘entre quatro paredes’.

De forma geral, pôde-se perceber que “não parecer homossexual” foi um componente importante nas falas dos participantes, visto que a percepção de valorização ou desvalorização dos mesmos esteve intimamente relacionada aos estereótipos de masculinidade (quanto mais masculino sou, mais homem serei e consequentemente, não observarão para minha orientação sexual). Esse fator de performatividade de gênero e homonormatividade também se mostrou essencial para o acesso e permanência destes HSH no mercado de trabalho. A sexualidade foi percebida como em mudança, onde o foco saiu do ato sexual em si indo em direção a conexão emocional, mas essa mudança encontra barreiras por conta da discriminação, que por um lado invisibiliza HSH mais velhos e por outro, pelas relações de poder entre as masculinidades e também pela falta de espaços seguros de homo sociabilidade na cidade.

Por fim, é possível destacar as limitações do estudo: inicialmente, objetivamos trabalhar com HSH idosos e de meia idade, mas não encontramos nenhum HSH com idade a partir de 60 anos disposto a participar da pesquisa. Essas limitações podem ser atribuídas ao fato de a pesquisa ser realizada no interior do Amazonas, onde a população é reduzida e “todo mundo se conhece”. Como o sigilo das identidades apareceu como um componente crucial para os HSH da pesquisa, muitos se recusaram a aprofundar (ou mesmo responder superficialmente) alguns questionamentos por medo ou desconforto em relação a isso, com destaque aos quatro participantes excluídos após as entrevistas, já na fase de análise



dos dados. Dessa forma, sugerimos que sejam realizadas pesquisas que aprofundem a experiência social de HSH de meia idade e idosos.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMATUZZI, Maria Luiza; BARRETO, Maria do Carmo; LITVOC, Julio; LEME, Luiz Eugênio Garcez. Linguagem metodológica: parte 1. *Acta ortopédica brasileira*, São Paulo, v.14, n.1, p.53-56. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-78522006000100012>. Acessos em 05 abr 2025.

ANTUNES, Pedro Paulo Sammarco. Homens homossexuais, envelhecimento e homofobia internalizada. *Revista Kairós-Gerontologia*, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 311-335, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.23925/2176-901X.2017v20i1p311-335>>. Acesso em: 28 fev 2025.

ARAÚJO, Maria Luiza Macedo de. Envelhecimento: Afetividade, sexualidade e qualidade de vida. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p.150-154, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.35919/rbsh.v20i1.355>>. Acesso em: 28 fev 2025.

BAPTISTA, Rafael Ferraz. Masculinidades em Aplicativos de Encontros Gays: Análise da Negociação das Masculinidades e da Auto-Representação dos Corpos. *Áskesis*, São Carlos, v.7, n. 1, p. 68-78, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.46269/7118.284>>. Acesso em: 28 fev 2025.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, Oxford, v.3, n. 2, p.77-101, 2006. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1191/1478088706qp063oa>>. Acesso em: 28 fev 2025.

BRITO, Vaneska de Souza; CORREIA, Aline Carvalho; SANTOS, Karina Aparecida. A homossexualidade na terceira idade: contribuições da psicologia social. *Univag* [S.l.], v.1, n.1, p.1-19, 2019. Disponível em: <<https://www.repositoriodigital.univag.com.br/index.php/Psico/article/view/469>>. Acesso em 16 de janeiro de 2025.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e a subversão da identidade*. 22.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARRIERI, Alexandre de Pádua; SOUZA, Eloisio Moulin de; AGUIAR, Ana Rosa Camillo. Trabalho, violência e sexualidade: estudo de lésbicas, travestis e transexuais. *Revista de Administração Contemporânea*, São Paulo, v.18, n.1, p.78-95, 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1415-65552014000100006>>. Acesso em: 28 fev 2025.



CECCARELLI, Paulo Roberto. Reflexões sobre a sexualidade masculina. *Reverso*, Belo Horizonte, v. 35, n. 66, p. 83-92, 2013. Disponível em: <<https://pepsic.bvsalud.org/pdf/reverso/v35n66/v35n66a13.pdf>>. Acesso em: 28 fev 2025.

CIVINSKI, Cristian; MONTIBELLER, André; OLIVEIRA, André Luiz de. A importância do exercício físico no envelhecimento. *Revista da Unifebe (Online)*, Brusque, v. 9, p.163-175, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.unifebe.edu.br/index.php/RevistaUnifebe/article/view/68>>. Acesso em: 28 fev 2025.

CONNELL, Robert; MESSERSCHMIDT, James. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 21, n.1, p. 241-282, 2013. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>>. Acesso em: 28 fev 2025.

CREMA, Izabella Lenza; TILIO, Rafael de. Sexualidade no envelhecimento: relatos de idosos. *Fractal: Revista de Psicologia*, Niterói, v. 33, n. 3, p. 182-191, 2021. Disponível em: < <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v33i3/5811>>. Acesso em: 28 fev 2025.

CRESWELL, James. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. 3.ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DE SOUZA, Daniel Cerdeira. Homens cisgêneros gays e a sexualidade: Reflexões e inquietações. *Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*, Cuiabá, v. 7, n. 22, p.1-17, 2024. Disponível em: < <https://doi.org/10.29327/2410051.7.22-90>>. Acesso em: 28 fev 2025.

ECCEL, Claudia Sirangelo; SARAIVA, Luiz Alex Silva; DE PÁDUA CARRIERI, Alexandre. Masculinidade, autoimagem e preconceito em representações sociais de homossexuais. *Revista pensamento contemporâneo em administração*, Niterói, v. 9, n. 1, p. 1-15, 2015. Disponível em: < <https://doi.org/10.12712/rpca.v9i1.11200>>. Acesso em: 28 fev 2025.

FERREIRA, Maria Elisa de Mattos Pires. A meia idade e a alta modernidade. *Construção psicopedagógica*, São Paulo, v.16, n. 13, p. 77-91, 2008. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-69542008000100005>. Acesso em: 28 fev 2025.

GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. 2.ed. Unesp: São Paulo, 1993.

GUNTHER, Hartmut. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 22, n. 2, p. 201-209, 2006. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/S0102-37722006000200010>>. Acesso em: 28 fev 2025.



HOGAN, Rosemarie Mihelich. *Human sexuality: a nursing perspective*. 2.ed. Appleton Century Crofts, 1985.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Número de idosos cresce 18% em 5 anos e ultrapassa 30 milhões em 2017*. 2018. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017>>. Acesso em 01 de novembro de 2022.

KIMMEL, Michael. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. *Horizontes Antropológicos*, São Paulo, v.4, n.9, p103-117, 1998. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-71831998000200007>>. Acesso em: 28 fev 2025.

LIMA, Andreia Aparecida; SANTIAGO, Kelly Cristina; ARRAIS, Alessandra Rocha. Homossexualidade: Sexualidade no envelhecimento. *Temporalis*, Vitória, v. 14, n. 28, p. 221-239, 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.22422/2238-1856.2014v14n28p221-239>>. Acesso em: 28 fev 2025.

MACHADO, Bruna Farias. Estudos de masculinidades: a crise masculina, a masculinidade hegemônica e a paternidade em Onde estão os ovos? de Fabrício Carpinejar. *Mosaico*, São Paulo, v. 7, n. 11, p.49-63, 2016. Disponível em: <<https://doi.org/10.12660/rm.v7n11.2016.64777>>. Acesso em: 28 fev 2025.

MEYER, Illan. Prejudice, Social Stress, and Mental Health in Lesbian, Gay, and Bisexual Populations: Conceptual Issues and Research Evidence. *Psychol Bull*, Oxford, v.129, n.5. p.674–697, 2003. Disponível em: <<https://doi.org/10.1037/0033-2909.129.5.674>>. Acesso em: 28 fev 2025.

MORA, Claudia; BRIGEIRO, Mauro; MONTEIRO, Simone. A testagem do HIV entre “HSH”: tecnologias de prevenção, moralidade sexual e autovigilância sorológica. *Physis*, Rio de Janeiro, v.28, n.2, p.e280204, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-73312018280204>>. Acesso em: 28 fev 2025.

NETO, Henrique Luiz Caproni; FONSECA, Luciene Aparecida. Discutindo homofobia nas organizações e no trabalho. *Revista Espaço Acadêmico*, Maringá, v.14, n.161, p.1-10, 2014. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/24588>>. Acesso em: 28 fev 2025.

NOLASCO, Sócrates. Um "homem de verdade". In: Caldas, D. (org.). *Homens*. 2.ed. Editora Senac, São Paulo, 1997, pp. 13-29.

OLIVEIRA, João Manoel de. Cidadania sexual sob suspeita: uma meditação sobre as fundações homonormativas e neo-liberais. *Psicologia & Sociedade*, São Paulo, v.25, n.1, p. 68-78, 2013. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-71822013000100009>>. Acesso em: 28 fev 2025.



ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (2015). *La salud sexual y su relación con la salud reproductiva: un enfoque operativo*. 2015. Disponível em: < <https://www.who.int/es/publications/i/item/978924151288>>. Acesso em 16 de janeiro de 2025.

PAIVA, Cristian. Seres que não importam? Sobre homossexuais velhos. *Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades*, Natal, v. 3, n. 04, p. 191-208, 2012. Disponível em: < <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2303>>. Acesso em: 28 fev 2025.

PAPALIA, Daiane; FELDMAN, Ruth Dusk. *Desenvolvimento humano*. 14.ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

PEREIRA, Fernando. *Teoria e prática da gerontologia: Um guia para cuidadores de idosos*. 1.ed. Viseu: PsicoSoma, 2012.

POLICARPO, Verónica. A vida sexual sob prova: impactos da vida profissional na construção da experiência sexual. *Sociologia, Problemas e Práticas*, Lisboa, v. 89, p.133-15, 2019. Disponível em: < <https://journals.openedition.org/spp/5772>>. Acesso em: 28 fev 2025.

RISCAROLI, Eliseu. Envelhecimento e sexualidade: perspectivas, políticas e desafios para os homossexuais masculinos. *Revista Latino-Americana de Geografia e Gênero*, Ponta Grossa, v. 7, n. 1, p. 36-45, 2016. Disponível em: < <https://revistas.uepg.br/index.php/rlagg/article/view/7991>>. Acesso em: 28 fev 2025.

SALLES, Ana Cristina Teixeira da Costa; CECCARELLI, Paulo Roberto. A invenção da sexualidade. *Reverso*, Belo Horizonte, v.32, n. 60, p. 15- 24, 2010. Disponível em: < https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0102-73952010000300002>. Acesso em: 28 fev 2025.

SANTOS, José Victor de Oliveira; ARAUJO, Ludgleydson Fernandes de. Envelhecimento Masculino entre Idosos Gays: suas Representações Sociais. *Estudos e pesquisas em psicologia*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 971-989, 2021. Disponível em: < <https://doi.org/10.12957/epp.2021.62693>>. Acesso em: 28 fev 2025.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*, Campinas, 28, 19-54, 2007. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/cpa/a/hWcQckryVj3MMbWsTF5pnqn/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 28 fev 2025.

SILVA, Byanca Eugênia Duarte; GADELHA, Maria José Nunes; DE MORAIS, Maria Mabel Nunes; CARVALHO, Raiany Augusto; DE SOUSA, Samara Pereira; CABRAL, Symara Abrantes Albuquerque de Oliveira. Marcas de expressão e repressão: Reflexões sobre a homossexualidade na terceira idade. *Revista Brasileira de Educação e Saúde*, João Pessoa, v. 6, n. 2, p. 21–25, 2016. Disponível em: < <https://doi.org/10.18378/rebes.v6i2.4427>>. Acesso em: 28 fev 2025.



SILVA, Sergio Gomes da. A crise da masculinidade: uma crítica à identidade de gênero e à literatura masculinista. *Psicologia, ciência e profissão*, Brasília, v. 26, n. 1, p. 118-131, 2006. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/S1414-98932006000100011>>. Acesso em: 28 fev 2025.

SIMÕES, Júlio Assis. Corpo e sexualidade nas experiências de envelhecimento de homens gays em São Paulo. *A Terceira Idade*, São Paulo, v. 22, n. 51, p. 7-19, 2011. Disponível em: < <https://repositorio.usp.br/item/002218435>>. Acesso em: 28 fev 2025.

SOUZA, Daniel Cerdeira de. *Relacionamentos abusivos: significados atribuídos por jovens acadêmicos da UFAM*. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2018.

SOUZA, Daniel Cerdeira de; HONORATO, Eduardo Jorge Sant'Anna; BEIRAS, Adriano. Discriminação contra homossexuais no mercado de trabalho: revisão da literatura. *PSI UNISC*, Santa Cruz do Sul, v.5, n.1, p.127-143, 2021. Disponível em: < <https://doi.org/10.17058/psiunisc.v5i1.15452>>. Acesso em: 28 fev 2025.

SOUZA, Luciana Karine de. Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 71, n.2, p.51-67, 2019. Disponível em: < https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672019000200005>. Acesso em: 28 fev 2025.

TERTO JR., Veriano. Homossexualidade e saúde: desafios para a terceira década de epidemia de HIV/AIDS. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v.8, n.17, p. 147-158, 2002. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/S0104-71832002000100008>>. Acesso em: 28 fev 2025.

VIEIRA, Kay Francis Leal; COUTINHO, Maria da Penha de Lima; SARAIVA, Evelyn Rúbia de Albuquerque. A Sexualidade Na Velhice: Representações Sociais De Idosos Frequentadores de Um Grupo de Convivência. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v.36, n.1, p. 196-209, 2016. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/1982-3703002392013>>. Acesso em: 28 fev 2025.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto, *Temáticas*, Campinas, v. 22 n. 44, p.203-220, 2014. Disponível em: < <https://doi.org/10.20396/tematicas.v22i44.10977>>. Acesso em: 28 fev 2025.

WILKINS, Amy. Masculinity dilemmas: sexuality and intimacy talk among christians and goths. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, Chicago, 34, n.2, 343-368, 2009. Disponível em: < <https://doi.org/10.1086/591087>>. Acesso em: 28 fev 2025.